

I

O Presbitério

Todas as histórias verdadeiras possuem um ensinamento, embora nalgumas seja difícil de encontrar, e, quando se encontre, seja tão pequeno que, tal como acontece a uma noz seca e encarquilhada, mal nos compense do trabalho de lhe quebrar a casca. Se tal sucede com a minha história, não me compete a mim julgar. Penso, às vezes, que pode ser útil a alguns, e entreter outros, mas cada qual avaliará por si; protegida pela minha própria obscuridade, pelo tempo que já decorreu e pelos nomes inventados, não receio aventurar-me a expor ao público aquilo que não confiara à pessoa mais íntima.

O meu pai, sacerdote no Norte da Inglaterra, foi sempre justamente respeitado por quantos o conheceram. Na sua mocidade viveu razoavelmente do rendimento de uma pequena paróquia e também das rendas de uma propriedadezinha agradável que possuía. A minha mãe casou com ele contra a vontade da família. Era filha de um proprietário abastado, e mulher de caráter. Em vão lhe repetiram que, casando com o meu pai, homem pobre, teria de renunciar à carruagem, à criada de quarto e a outros luxos e elegâncias próprios da abastança, e que para ela deviam ser pouco menos que indispensáveis. Ora, um carro e uma criada de quarto são coisas muitíssimo úteis, mas, graças a Deus, ela tinha pés para andar e mãos para se servir. Uma casa elegante e grandes salões

são agradabilíssimos, mas ela preferia viver com Richard Grey numa pequena herdade, a viver num palácio com qualquer outro.

Vendo que argumentos de nada serviam, o pai acabou por declarar aos namorados que casassem, se assim o queriam, mas que sua filha, se tal fizesse, perdia o direito à mínima parcela dos seus haveres. Esperava ele acalmar assim o ardor dos namorados, mas enganou-se. O meu pai avaliava bem as qualidades da minha mãe para a não considerar só para si uma riqueza, e, se ela consentia em vir alegrar o seu lar humilde, ele sentia-se feliz em recebê-la em quaisquer condições. Ela, por seu lado, preferia trabalhar por suas próprias mãos a ver-se apartada do homem a quem amava, a quem se sentia unida pelo espírito e pelo coração, e a quem desejava ardentemente tornar feliz. Nestas condições, a sua riqueza foi avolumar a bolsa de uma irmã mais sensata, que casara com um nababo, e ela, com espanto e compaixão de quantos a conheciam, enterrou-se no presbitério rude de uma aldeia, escondida entre colinas. Estou convencida de que, a despeito da exaltação da minha mãe e das fantasias do meu pai, se se procurasse por toda a Inglaterra não se encontraria casal mais feliz.

De seis filhos, eu e a minha irmã Mary fomos os únicos a sobreviver aos perigos da primeira infância e do crescimento. Sendo eu mais nova cinco ou seis anos, fui sempre considerada a menina, o miminho de toda a família. Pai, mãe e irmã, todos se juntaram para me estragar: não que me tornasse medrosa e obstinada por indulgência excessiva, mas porque, em virtude da bondade infinita com que fui tratada, fiquei incapaz de iniciativa, demasiadamente dependente e não sabendo lutar contra os cuidados e incertezas da vida.

A Mary e eu fomos educadas no maior isolamento. Sendo a minha mãe simultaneamente bem-educada, instruída e amiga de se ocupar, tomou a seu cargo toda a nossa educação, com exceção do latim, que meu pai se encarregou de ensinar-nos. De modo que nunca andámos na escola, e, como na vizinhança não havia qualquer espécie de relações, o único contacto que tínhamos com o Mundo consistia nalgum chá tristonho, lá de tempos a tempos, a convite dos lavradores e negociantes dos arredores (convite que aceitávamos exatamente para evitar que nos considerassem ex-

cessivamente orgulhosos para nos darmos com a vizinhança) e na visita anual que fazíamos à nossa querida avó paterna, mas aí, à parte a própria avó, o bondoso avôzinho, uma tia solteira e duas ou três pessoas de idade, não víamos mais ninguém. Por vezes a nossa mãe divertia-nos com histórias e anedotas da sua juventude. Essas histórias, ao mesmo tempo que nos entretinham espantosamente, acordavam — pelo menos em mim — o desejo secreto de ver um pouco mais de mundo.

Imagino que ela deve ter sido muito feliz, mas nunca deu mostras de lamentar esse tempo passado. Porém, o meu pai, cujo temperamento não era tranquilo nem alegre por natureza, muitas vezes se atormentava injustamente a pensar nos sacrifícios que a sua querida mulher fizera por ele, quebrando a cabeça com projetos impossíveis, que lhe permitissem aumentar os seus parcos haveres, para bem dela e para nosso bem. Em vão a minha mãe lhe assegurava estar absolutamente satisfeita, e lhe afirmava que, se ele pusesse de lado um poucachinho para as filhas, teríamos mais do que o suficiente no momento e de futuro. A economia, porém, não era o forte do meu pai. Se não arranjava dívidas (pelo menos a minha mãe procurava que ele as não arranjasse) enquanto tinha dinheiro devia gastá-lo. Gostava de ter conforto em casa, de ver a mulher e as filhas bem vestidas e sem lhes faltar nada, e era caridoso, gostando de dar aos pobres conforme podia. Segundo alguns, mesmo mais do que podia.

Um dia um amigo bondoso sugeriu-lhe a ideia e a maneira de duplicar os seus bens de uma só vez e de acrescentá-los depois de uma forma incalculável. Esse amigo era um negociante muito empreendedor e de valor indiscutível, mas que se sentia um pouco constrangido nos seus negócios por falta de capital. Propunha generosamente o meu pai dar-lhe uma boa parte dos lucros, se lhe emprestasse o bastante para ele negociar, e julgava poder prometer que, fosse qual fosse a soma que o meu pai lhe entregasse, lhe traria com um lucro de cem por cento. O pequeno património foi vendido rapidamente e todo o dinheiro da venda entregue ao negociante amigo, que prontamente carregou um navio e se preparou para uma viagem.

O meu pai estava encantado com uma perspectiva tão brilhante, e nós também: é verdade que de momento estávamos reduzidos ao limitado rendimento da paróquia, mas o meu pai não achava que fosse necessário restringir as despesas a esse rendimento, de modo que, com uma conta a longo prazo a Mr. Jackson, outra a Mr. Smith, outra a Mr. Hobson, continuámos a viver talvez mesmo melhor do que até então. A minha mãe bem dizia que era melhor não arranjar dívidas, porque os nossos planos de riqueza eram ainda incertos, e, se o meu pai a deixasse dirigir, nunca se veria em dificuldades; mas, decididamente, ele era incorrigível.

Quantas horas passámos, eu e a Mary, umas vezes sentadas ao lume, outras passeando pelas colinas cobertas de urze, algumas vezes ainda preguiçando debaixo do chorão (a única árvore importante que havia no jardim), falando de futuras felicidades para nós e para os pais, conversando das coisas que faríamos e daquilo que quereríamos ver, sem ter outra base que não fossem as nossas boas esperanças nas riquezas que vinham ao nosso encontro, dado o êxito das especulações do célebre negociante! O nosso pai ainda era pior do que nós, mas fingia-se menos apressado, mostrando a sua esperança e a sua confiante expectativa em ditos de espírito e brincadeiras, que eu achava sempre muito divertidos e muito alegres. A mãe ria encantada por vê-lo tão feliz. Receava, contudo, que ele esperasse de mais, e ouvi-a uma vez murmurar num quarto contíguo:

«Deus permita que não vá ter uma grande desilusão! Sei bem quanto lhe havia de custar.»

Desilusão, teve-a e bem dura. Caiu sobre nós como um raio a notícia de que toda a nossa riqueza se perdera, fora para o fundo de mistura com a restante mercadoria, com parte da tripulação e com o desventurado negociante. Sofri por ele, sofri por nós, e sofri pela derrocada dos nossos castelos no ar, mas com a adaptabilidade da juventude depressa me restabeleci do choque.

Embora a riqueza tenha as suas vantagens, a pobreza não metia medo a uma rapariga inexperiente como eu era. Se quiser falar verdade, direi mesmo que havia certo encanto na ideia de ficar entregue aos próprios recursos. Só queria que o pai, a mãe e a

Mary se encontrassem no mesmo estado de espírito em que eu estava, e que, em lugar de lamentarem passadas desventuras, deitassem todos mãos à obra para tentarem qualquer remédio, e, quanto maiores fossem as dificuldades, quanto mais duras fossem as privações presentes, maior devia ser o nosso vigor e a nossa animação para as vencer.

A Mary não se lamentava, mas pensava continuamente na nossa desgraça e caiu em tal abatimento que, por mais esforços que eu fizesse, não consegui reanimá-la. Não foi possível fazê-la olhar para a nossa situação com otimismo, e, como era muito desagradável ser acusada de frivolidade infantil ou de estúpida insensibilidade, guardei para mim boa parte das ideias animadoras, por ver que não podiam ser compreendidas.

A minha mãe só pensava em consolar o meu pai, em pagar as dívidas e em diminuir as despesas por todos os meios. O meu pai estava completamente acabrunhado pela desdita. Saúde, força e coragem foram-se-lhe por completo e nunca mais as recuperou verdadeiramente. Em vão a minha mãe se esforçou por animá-lo apelando para a sua piedade, para a sua coragem, para a sua afeição por ela e por nós. Essa afeição era exatamente o seu tormento. Fora por nossa causa que lutara tão ardentemente para acrescentar aqueles poucos haveres. Era o seu interesse por nós, que o levava a esperar tanto, que amargurava o seu desespero atual. Atormentava-se por não ter feito caso da opinião da minha mãe, que, pelo menos, o teria livrado do encargo das dívidas. Censurava-se por tê-la tirado do seu meio, da sua vida agradável, do seu luxo, para a fazer lutar com ele contra desgostos, trabalhos e pobreza. Dilacerava-lhe a alma ver uma mulher tão distinta e tão cultivada, que fora cortejada e admirada, transformar-se numa ativa e trabalhadora dona de casa, com a cabeça e os braços continuamente ocupados nos trabalhos e na economia doméstica. Era exatamente a boa vontade com que ela cumpria esses deveres, a animação com que suportava os revezes, e a bondade que a impedia de fazer a menor censura, que se transformavam no espírito dele, já atormentado, em causas de maior sofrimento. E, assim, o espírito, influenciando no corpo, pôs em desordem o sistema nervo-